



GRADUAÇÃO PSICOLOGIA

Marcos Rogério dos Santos Souza

**A TRANSFERÊNCIA E O DESEJO DE ENSINAR
E APRENDER NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Porto Alegre
2019

Marcos Rogério dos Santos Souza

**A TRANSFERÊNCIA E O DESEJO DE ENSINAR
E APRENDER NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Artigo apresentado à Faculdade São Francisco de Assis, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia

Orientador: Profa. Dra. Carla de Oliveira

Porto Alegre
2019

RESUMO

O presente artigo objetiva analisar o conceito de Transferência na educação infantil e na prática docente, sendo que, foi utilizada revisão bibliográfica como suporte teórico. A partir desta análise, propomos uma reflexão acerca da formação dos profissionais da educação no quadro da educação brasileira, pensando-se sobre as garantias constitucionais e as leis que regulamentam e que determinam a obrigatoriedade de oferta deste nível de ensino pelos agentes públicos. Com base na literatura pesquisada, propõe-se considerar a psicanálise como o alicerce que dará sustentação sobre a compreensão do funcionamento psíquico, psicosexual do sujeito, as relações objetivas e subjetivas entre aluno e professor resultando uma melhora na prática docente e a ressignificação da aprendizagem. É dentro desse viés teórico que se apresenta os conceitos psicanalíticos para a compreensão do desenvolvimento da criança e da prática docente, apresenta-se também a análise do conceito de transferência como mecanismo que favorece o desejo de ensinar e aprender na educação infantil.

Palavras-chave: Psicanálise. Educação. Transferência. Aluno. Professor.

RESUMEN

El presente artículo tiene el objetivo de analizar el concepto de Transferencia en la educación infantil y en la práctica docente, habiendo sido utilizada la revisión bibliográfica como soporte teórico. A partir de este análisis, proponemos una reflexión sobre la formación de los profesionales de la educación en el contexto brasileño, pensándose sobre las garantías constitucionales y las leyes que reglamentan y determinan la obligatoriedad de ofrecimiento de este nivel de enseñanza de parte de los agentes públicos. Con base en la literatura investigada, se propone considerar el psicoanálisis como base que dará sustentación a la comprensión del funcionamiento psíquico, psicosexual del sujeto, las relaciones objetivas y subjetivas entre alumno y profesor, resultando en una mejora de la práctica docente y resignificación del aprendizaje. Dentro de ese sesgo teórico se presentan los conceptos psicoanalíticos para la comprensión del desarrollo del niño y de la práctica docente y también el análisis del concepto de transferencia como mecanismo que favorece el deseo de enseñar y de aprender en la educación infantil.

Palabras-clave: Psicoanálisis. Educación. Transferencia. Alumno. Profesor.

1 INTRODUÇÃO

A transferência e o desejo de ensinar e aprender na Educação Infantil constituiu-se devido à necessidade de qualificar o quadro docente que atua na educação infantil, tendo em vista que esses profissionais necessitam de suporte teórico em conhecimentos sobre psicologia, psicanálise, didática e legislação, para que possam ressignificar sua prática pedagógica, uma vez que esse fazer situa-se na disponibilidade para acolher as falas dos sujeitos envolvidos na educação, fazendo a escuta do dito e, principalmente, do não dito, de forma singular e única para que possam então articular a prática docente a partir do discurso do educando e ressignificando o fazer docente em uma ancoragem teórica.

A escola precisa fazer sentido para a família, criança, e o professor. Conscientizando-se desta importância, o professor conseguirá fazer a diferença na construção da aprendizagem do aluno, oportunizando-o e ressignificando os saberes desejados pelo sujeito. Dessa forma, percebemos que esse sentido se legitima antes mesmo da chegada da criança na escola, durante o processo de entrevista. Neste momento, o professor deve demonstrar aos sujeitos, da função materna e paterna, o interesse pela vinda da criança para a escola, fazendo a criação e a articulação da cena amorosa que se buscará estabelecer no espaço escolar. Compreendemos que a cena amorosa seja o espaço de criação de vínculos afetivos que se estabelecem no seio familiar e que devem continuar no espaço escolar, uma vez que compreendemos que o professor ocupará a função materna e paterna na busca da construção do ideal de eu. Como diz Sanchez e Madero (2013):

Entendemos que la familia se estructura en torno a las relaciones establecidas por la pareja parental de las que se derivan las relaciones entre padres e hijos y las relaciones entre hermanos, las cuales permitirán que cada uno de los miembros de la fratría encuentre un lugar dentro de sí misma y de la sociedad, aprendiendo a diferenciarse de los demás. Cada fratría es particular por el número y sucesión de nacimientos en la familia, por el sexo del recién nacido, por las vicisitudes y las diversas expectativas que los padres tejen alrededor de cada uno de los hijos, las cuales están vinculadas a su propia experiencia fraterna. (SANCHEZ; MADERO, 2003, p.138).

Uma vez que o discurso do professor se fará presente no discurso dos responsáveis e legitimará, ou reconstruirá as fantasias e os desejos desta família, frente ao mundo imaginário que se monta sobre a escola no imaginário da criança.

Essa construção dará suporte para que a criança seja capaz de colocar-se como sujeito de desejo no espaço escolar e de se fazer objeto de desejo do fazer do professor. Seguem as palavras de Kupfer (2013):

[...] o saber da psicanálise poderá inclinar o educador a transmitir e fazer aprender por meio de um ato educativo tal como ele é entendido pela psicanálise: como transmissão da demanda social além do desejo, como transmissão de marcas, como transmissão de estilos de obturação da falta no Outro. (KUPFER, 2013, p. 119).

A educação brasileira vem apresentando índices elevados de repetência e evasão, de acordo com os indicadores que avaliam a educação nacional, evidenciando que os alunos aprovados são incapazes de interpretar textos básicos. De acordo com os dados oficiais do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP, referente ao Censo Escolar de 2018 foram 1,3 milhão de matrículas a menos, isso nos mostra que são cerca de dois milhões de crianças e adolescentes de idade entre 4 a 17 anos fora da escola.

Já os indicadores, que avaliam os conhecimentos relacionados à matemática, mostram alunos com acentuada dificuldade no domínio das quatro operações.

Esses alunos também demonstram incapacidade no desenvolvimento da construção do saber científico. Diante desse quadro, o governo cria a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96, com vista a mudar a educação no Brasil e mais tarde a Resolução 06/2010, que determina a entrada de crianças na educação infantil com quatro anos de idade, ampliando assim a permanência do educando no ensino fundamental.

O quadro caótico em que se encontram nossas crianças e adolescentes advém de uma educação deficitária na qual são expostos, que serve para reproduzir um sistema claramente alienante, que mantém a dominação sobre o conhecimento e que fere a subjetividade individual e coletiva de uma nação, pois retira de ambos as possibilidades que possam advir de uma educação de qualidade e que garanta ao sujeito a construção de sua individualidade, de seus desejos e esses questionamentos desacomodam os educadores no sentido real da palavra educador.

No que diz respeito aos filhos de cidadãos pobres, são destinadas as piores escolas, sem recursos e com falta de professores. As raras escolas públicas com estrutura e ensino de qualidade são destinadas aos filhos de uma elite econômica e intelectual. Ferem-se, com isso, os princípios básicos defendidos em nossa

constituição de 1998 e na LDB 9394/1996.

Embora saibamos que o desejo dos pais é ter uma escola com estrutura e ensino de qualidade, isso ficará para um futuro distante, tendo em vista a política educacional e econômica de nosso país. O futuro dessas crianças, e de seus pais, é rompido por essa política, que aniquila a possibilidade da realização de sonhos e de desejo, uma vez que vivemos em um país em que a democracia reside em currais eleitorais e/ou em campos ideológicos de uma esquerda corrupta e saqueadora e uma direita autoritária e perversa.

As universidades no Brasil formam professores, com base em currículos deficitários, uma vez que habilitam técnicos em determinada área do conhecimento, deixando de fornecer subsídios em didática e principalmente alicerçando os educadores com conhecimento em psicologia, para que possam compreender as relações entre o desejo de aprender e o desejo de ensinar, que são fundamentais no processo de aprendizagem. Não estamos aqui conjecturando apenas um currículo que instrumentalize o professor, mas que se proponha a transpor os limites dos conceitos, possibilitando ao professor fazer de sua prática, um ato orquestrado, no qual ele saiba e consiga dirigir o fazer pedagógico visando com exclusividade à autonomia do educando, respeitando sua subjetividade e sua inserção como cidadão.

Para que o professor possa compreender o desenvolvimento da criança, faz-se necessário o estudo de uma linha teórica da psicologia que possa propiciar conhecimentos e assegure condições de estabelecer relações entre aprendizagem, conhecimento e principalmente propiciar construção de vínculos afetivos, possibilitando transcender a prática pedagógica, em uma visão interdisciplinar e/ou transdisciplinar, onde o educando possa e faça o antropofagismo do que emana do professor e não apenas seja um acumulador de conhecimentos desconexos.

Concebemos a Psicanálítica o alicerce que dará sustentação sobre o funcionamento psíquico, psicosssexual do sujeito, e as relações objetivas e subjetivas entre esses, propiciando a melhora na prática docente e a ressignificação da aprendizagem. Para isso, propomos uma análise de conceitos psicanalíticos, tais como: narcisismo primário e secundário e suas relações para o sujeito, a identificação e caracterização do Complexo de Édipo e sua influência no desenvolvimento da criança e no processo de construção da aprendizagem e as relações com a formação do superego, articulando com o conceito de transferência

como mecanismo que favorece o desejo de ensinar e aprender. Sendo a transferência *sine qua non*¹ para o professor construir e reconstruir sua prática docente em sala de aula, demonstrando habilidade no manejo com os vínculos que se estabelecem no espaço escolar.

De posse dos conceitos psicanalíticos, que o professor consiga se fazer continente na construção da aprendizagem de seus educandos, fazendo uma escuta qualificada do que vem do outro, ouvindo o não dito da criança, fazendo a escuta e o enlace do dito do sujeito em uma ancoragem dos conflitos psíquicos e cognitivos que advém da criança. Uma vez que compreendemos o educador não como o fornecedor de conhecimentos, mas o sujeito que fará e dará ancoragem e será continente as angústias que se criam no processo de aprendizagem e nas relações entre os personagens envolvidos na prática educativa, sendo ele o ideal de eu do educando. E assim, segundo Millot (1995):

[...] a educação se situaria do lado do narcisismo, do “imaginário”, do ideal – do lado da “ilusão”. O educador, cujo poder é proveniente da transferência, não poderia querer, enquanto tal desfazer-se dele; a instância do Ideal-do-eu e a possibilidade da transferência fundam o poder de todo condutor de homens, educador ou governante. Será que a missão do educador é assegurar – graças ao que poderia ser chamado de “educação imaginária”, educação do narcisismo – as condições de possibilidade do submetimento do educando à figura do “mestre”? Tendo em vista seus efeitos mais constantes, esta pareceria ser a meta comum da educação. (MILLOT, 1995, p.132).

Para melhor desempenhar sua prática docente, é *mister* ao professor dominar os conceitos de uma linha teórica da psicologia e poder articular com a experiência que se cria em sala de aula e também nas dinâmicas que se estabelecem no espaço escolar. Contudo, o presente artigo propõe apresentar os conceitos da psicanálise e também relacioná-los com o desenvolvimento da criança para que o professor possa utilizar e aplicar em sua prática pedagógica, propondo a este, que acolha o sujeito, fazendo uma escuta do seu falar, do seu corpo, compreendendo a dinâmica da criança e suas relações com o meio (família e escola) diante disso, precisamos abrir mão de todo conhecimento disponível para que possamos fazer a escuta do sujeito, sob o viés da ética da psicanálise.

¹ *Sine qua non* é uma expressão que originou-se do latim, e pode ser traduzido/ explicado como “sem a/o qual não se pode ser”. Trata-se de uma ação cuja condição ou ingrediente é indispensável e essencial.

O professor na sua prática deve planejar sua intervenção junto ao aluno, antes mesmo do primeiro dia de aula, quando organiza as entrevistas com os responsáveis pela criança, fazendo uma escuta acolhedora que se proponha ir além do roteiro, observamos que neste momento, o docente também irá despertar no familiar o que seja o ideal de professor e que, supostamente, será sustentado no discurso deste no espaço familiar.

Lembramos que fazer a escuta amorosa, inocente, sem preconceitos e livres de julgamentos, estando totalmente desarmado para acolher as informações que servirão de base na construção de seu planejamento, dará ao professor melhores condições de compreender as relações que se possam estabelecer no *setting* da sala de aula. O responsável pela criança perceberá a singularidade da entrevista, irá se conectar ao professor e, por sua vez, fará deste momento um relato positivo e estimulador aos ouvidos e olhos da criança. O professor precisa aprender a fazer a escuta qualificada do não dito, escutando o que vem do outro, despindo-se de qualquer ideia preconcebida (o não dito reside no subjetivo e conteúdo latente dos sujeitos), escutar e ver o que há de subjetivo no discurso da família e no sujeito, que se fará presente no ambiente escolar durante o processo de construção de habilidades e competências, fará do professor um condutor de uma jornada harmônica e em sintonia com os desejos e anseios que se estabeleçam, pois sabe o que vem do aluno e de sua família, e com base nos conceitos psicanalíticos, conseguirá promover a construção do sujeito.

Precisamos oferecer à criança não apenas quadro e sala de aula, mas investir no desejo do sujeito para que se criem condições para seu desenvolvimento cognitivo. Que o professor possa emprestar o seu desejo para que a criança possa construir seu “querer aprender” e constituir-se enquanto sujeito desejante, quando não houver interesse no sujeito. Como diz Allidière (2008):

Las experiencias tempranas de la vida y, en particular, el estilo afectivo que tuvieron los primeros vínculos con las personas significativas de la infancia modelarán la transferencia afectiva de las relaciones futuras. El dinamismo psíquico por el cual se repite el estilo de los vínculos primarios y, también, los afectos amorosos y/u hostiles ligados a los mismos, es el dinamismo inconsciente de la compulsión a la repetición. (ALLIDIÈRE, 2008, p. 20).

Desta forma, o professor da educação infantil será capaz de ensinar e aprender, a transferência, ressignificando a prática e o ato de aprender em sala de aula e ainda compreendendo as relações entre os sujeitos que compõem o espaço escolar.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9393/96, nasce com o propósito de universalizar a educação básica, com a nova LDB institui-se a década da educação no Brasil. Diante dessa nova política sobre a educação, mais tarde o Conselho Nacional de Educação, por meio da Resolução 06 de 2010, determina a obrigatoriedade do ingresso na educação Infantil, com quatro anos de idade. De acordo com o “Art. 2º para o ingresso na Pré-Escola, a criança deverá ter idade de quatro anos completos até o dia 31 de março do ano que ocorrer a matrícula” (Resolução 06/2010). Observa-se que tanto a LDB como a resolução seis, asseguram o direito a educação cabendo a seus agentes públicos o desenvolvimento de políticas para sua execução conforme competência.

A educação básica no Brasil, embora seja direito de todo cidadão e dever do Estado, ainda não é ofertada dentro de padrões mínimos de qualidade, uma vez que falta estrutura nas escolas, material didático, alimentação adequada aos educandos, transporte escolar e formação universitária a muitos professores.

Estando longe de garantir o acesso e a permanência a todas as crianças de acordo com a lei, o estado brasileiro fica obrigado à oferta de vagas mediante a imposição do poder judiciário, que obriga o município a cumprir com a demanda de vagas, porém não assegura qualidade nesta oferta. A educação brasileira, conforme mostram os dados do INEP, onde o Brasil figura entre o último colocado no ranking internacional, nas avaliações internas, mostram que os alunos em idade de alfabetização não conseguem ler e não são letrados. O que evidencia total descaso com a educação pública oferecida pelos municípios.

Quando pensamos em um ambiente estimulador para a aprendizagem, que possa despertar no educando e no educador o desejo pelo aprender e ensinar, não estamos apenas querendo prédios com estrutura, salas amplas e com iluminação adequada. Pensamos para além, com mobiliário (mesas, cadeiras, armários) que atendam as necessidades físicas das crianças. Os banheiros devem possuir sanitários que possibilitam a construção da autonomia tão necessária para o desenvolvimento infantil. É salutar que uma boa estrutura e disponibilidade de material pedagógico possam favorecer as habilidades e competências do sujeito.

A Lei 9394/96 LDB, versa sobre a formação dos profissionais na Educação Básica e Superior. Visto que é necessário para a Educação Infantil o profissional ser

formado em nível médio curso Normal e/ou nível Superior.

A escola é o espaço de descobertas e de aprendizagens, por parte da criança. Diante disso, se fazem necessários profissionais formados, capacitados, qualificados e em número adequado para atender as necessidades das crianças. Tendo em vista que o professor ocupa-se com a formação integral do sujeito, sendo a escola o primeiro espaço em que a criança se colocará após a saída do seio familiar.

A família é o primeiro espaço em que a criança se reconhece como sujeito, sendo assegurada pelo fazer (alimentação, cuidados com a higiene e afeto) da mãe e do pai, ou dos sujeitos que exercem a função materna e paterna a sua proteção e desenvolvimento integral. A criança, antes de seu nascimento, é colocada como objeto de desejo da mãe que a subjetiva, cantando canções de ninar e fazendo diálogos com o “mamanhês”, o sujeito vai se organizando estruturalmente, pois já é suposto no desejo dos pais, muito antes do nascimento, sendo que neste desejo se faz na função materna e paterna e também do Outro da linguagem a partir do nascimento. De acordo com Bernardinho (2006):

A mãe fala no lugar do bebê, na primeira pessoa e lhe responde como se fosse ele que tivesse falado. Neste diálogo, o bebê lhe dá atenção ativamente, com seu olhar e sua voz. [...] A mãe fala em mamanhês. [...] o mamanhês é o dialeto de todas as mães do mundo quando elas falam com seus bebês: a voz é postada um tom mais alto e a entonação é exagerada. (BERNARDINO, 2006, p. 97-98).

Após o nascimento, o bebê é visto como um pedaço de carne (bife), sendo necessário que a mãe o convoque, que faça investimento, para que ele possa se inserir no desejo materno por meio da linguagem, e assim se fazendo falo e operando em uma dimensão narcísica da mãe. Freud nos convida a pensar a relação que se estabelece entre a mãe e o bebê, com isso, precisamos pensar sobre os impulsos que movimentam os desejos, que estão relacionados à sexualidade infantil vista como satisfação do prazer nas zonas erógenas. Quando a mãe acaricia, banha, alimenta em seu seio e estabelece diálogos (mamanhês) com o bebê, ela está estimulando as mucosas que provocam sensação de prazer. Nós, seres humanos, diferenciamos-nos de outros animais pela construção cultura na qual estamos inseridos e é dessa construção que nos será transmitida a linguagem que nos conduzirá para nos tornarmos sujeito da linguagem.

Buscando compreender a legislação, o espaço escolar e a entrada da criança de quatro anos na escola, é que nossa escrita se desenvolverá refletindo sobre a transferência e o desejo de ensinar e aprender na educação infantil. Propomos uma análise sob o viés da educação e dos conceitos da psicanálise que são alicerçados na obra de Sigmund Freud. No início de sua vida acadêmica começa a trabalhar com as neuroses, estudou “Histeria” como fenômeno psicológico, resultando na descoberta do inconsciente e na constituição da Psicanálise, que é um conjunto de conhecimentos sistematizados sobre o funcionamento da vida psíquica, que visam tornar conscientes os motivos inconscientes que movem nossas ações, sendo um método interpretativo, busca o significado oculto daquilo que é manifesto por meio de ações e palavras sendo de suma importância para a formação dos professores que trabalham com crianças e adolescentes.

Utilizando o método interpretativo busca o significado oculto daquilo que é manifesto por meio de ações e palavras. Freud propõe primeiramente um sistema topográfico para o estudo do psiquismo com a criação da Primeira Tópica: Consciente, pré-consciente e inconsciente e a barra do recalque. Como o modelo topográfico não mais dava conta de explicar o funcionamento psíquico, Freud propõe um modelo estrutural que denominou de Id, Ego e Superego, a segunda tópica.

O professor precisa compreender que o brincar da criança personifica seu Ego, que se encontra em construção na idade escolar, e com forte cobrança familiar e social para que ocupe lugar de destaque neste espaço. E apropriando-se sobre o funcionamento do aparelho psíquico (Ego, Id, Superego), poderá facilitar as conexões do olho no olho do fazer pedagógico, uma que não há sujeito de aprendizagem, quando não há sujeito psíquico. Assim como a compreensão das fases do desenvolvimento psicosexual proposto por Freud, que são estruturantes para o sujeito, e com o domínio destes saberes, o professor irá criar condições para organizar sua prática e ação pedagógica, fazendo interferências alicerçadas na teoria e técnica psicanalítica, favorecendo a construção cognitiva, afetiva e psicomotora do sujeito.

Sobre a sexualidade infantil, Freud propõe que o sujeito esteja desde os primeiros dias de vida, logo após o nascimento, sendo impulsionado pela libido à energia dos instintos sexuais e só deles. Postulando que as crianças e não só os adultos são sexualizados, forjando o conceito de perverso polimorfo, sendo assim, a sexualidade existe no sujeito independente de registro biológico do sexo, podendo

acontecer em qualquer momento da vida. O pai da psicanálise postula cinco fases do desenvolvimento sexual: fase oral (erotização é a boca), fase anal (erotização é no ânus), fase fálica (erotização é o órgão sexual), fase da latência em que o interesse sexual se aquieta, ocorrendo uma sublimação das energias libidinal e agressiva, momento em que dispõe de habilidades para lidar com as pessoas e com as questões que lhe são colocadas, ocorrendo também às identificações edípicas e consolidação da identidade sexual e dos papéis sexuais e fase genital (quando a erotização não está mais no próprio corpo, mas no objeto externo) Freud, (1901-1906).

A fase oral é caracterizada pela capacidade do bebê em sugar, a via de satisfação são os alimentos que entram pela boca, sendo o seio materno o objeto de satisfação do desejo, o bebê costuma sugar além do seio (polegar, mãos, pé, ou a tentativa de devorar a mãe). E ainda leva objetos à boca como via de reconhecimento e satisfação. Nesta relação, ambivalente se estabelece na criança a fantasia de ser comida ou destruída pela mãe. Observamos a fase anal que é caracterizada pela expulsão e retenção das fezes, Freud propôs a equivalência simbólica entre fezes e dinheiro e também em uma relação “ativo” e “passivo” Garcia-Roza (1985).

Tendo como base a psicanálise, debruçamo-nos no conceito de narcisismo primário, Complexo de Édipo e, principalmente como se processam as relações transferenciais entre a criança que deseja aprender e o professor que deseja ensinar.

Lembrando que deixar o seio familiar, onde se é objeto de desejo dos responsáveis e aventurar-se em uma instituição em que tudo se agiganta em relação ao seu tamanho físico e seu mundo de fantasias é ansiogênico, impactando no psiquismo do sujeito. Quando as crianças são encaminhadas para escola é importante observar que ficam inseguras, temerosas, choram, gritam, ficando extremamente assustadas com o novo ambiente que ocupam espaço esse que pode não ter significado a ela, pois não se fez presente no discurso (desejo) dos agentes da função materna e paterna e, diante disso, terá que ganhar forma no discurso do professor frente à criança, uma vez que esse professor ocupa, para a criança, o lugar de Ideal de eu. Como diz Garcia-Roza (1985):

[...] Desejo se torne humano e para que constitua um Eu humano, ele só pode ter por objeto um outro Desejo. Dois desejos animais tornam-se desejos humanos quando abandonam os objetos naturais para os quais estavam voltados e se dirigem um para o outro. Desejar o Desejo do outro, eis o que caracteriza o Eu como Eu humano. (GARCIA-ROZA, 1985, p.142).

No processo de formação acadêmica são oferecidos aos educadores conhecimentos sobre didática, legislação e algumas noções gerais sobre psicologia, mas não há aprofundamento de conceitos nesta área e ainda menos em Psicanálise. Diante disso, percebemos uma lacuna na formação profissional e principalmente sobre o aprofundamento e aplicação dos conceitos psicanalíticos no contexto de sala de aula.

Freud pensava que o processo educativo era um ato impossível de se fazer, no entanto, acreditamos que a compreensão de alguns conceitos psicanalíticos e principalmente do conceito de transferência possa estabelecer uma melhora significativa na prática docente e no desenvolvimento do educando.

No início da vida, a criança encontra-se indiferenciada da mãe, em um estado de fusão com o corpo materno, sem distinguir o mundo interno do mundo externo. Assim, o narcisismo constitui-se em narcisismo primário, libido narcísica, ou seja, sendo o estado inicial em que a criança investe toda sua libido em si mesma e a onipotência rege a vida psíquica. Lembramos que antes de estabelecer relações com os objetos do mundo externo, nesse momento anterior à formação do Eu, denominado narcisismo primário, a preservação da onipotência do bebê, pelos pais ou substitutos, torna-se fundamental, para que a criança possa se organizar subjetivamente enquanto sujeito. Revivido pelos pais, que reeditam o próprio narcisismo, na posição em que colocam “sua majestade, o bebê” Nasio (1997).

Já no narcisismo secundário ou do Eu é o mesmo estado de onipotência, quando reaparece pelo retorno sobre o Eu, dos investimentos feitos sobre os objetos. Inicialmente, há um investimento sobre um objeto, o qual, em um segundo momento retorna ao Eu. O Eu será então, tomado como objeto das pulsões sexuais correspondendo ao momento da formação do Eu e da libido objetual, sendo preciso ultrapassar os limites do narcisismo primário para se estabelecer relações com os objetos do mundo externo. Esse deslocamento é atribuído ao momento em que a criança se vê confrontada com um ideal externo e com o qual tende a se comparar. O ideal de Eu rege o narcisismo secundário e é substituto do Eu ideal, da perfeição do narcisismo primário. Lembrando que o ideal de Eu tem sua origem no complexo

de castração, assim reconhecendo ser incompleta, a criança passa a dirigir o seu amor aos objetos Nasio (1997). Reforçamos que o professor ocupa, para criança, um lugar de Ideal de eu. Sendo assim, Sanchez e Madero (2013):

Luego el niño se encontrará que el padre, su rival en el amor con la madre, puede castrarlo; es por esto que debe renunciar al amor de la madre con el propósito de mantener su órgano erogenizado. El niño abandona la madre por la castración, y el hecho de alejarse de ella debe estar acompañado con la identificación del niño al padre, que luego le permitirá gozar del falo como un hombre. (SANCHEZ; MADERO, 2013, p.74).

O prenúncio do complexo de Édipo para Lacan é o estágio do espelho como sendo a constituição do eu, da identidade, da distinção entre o eu e o outro, demarcando as bordas do corpo, o eu é uma identificação com o outro, onde a criança olha para o outro, olha para o olhar do adulto, para que o mesmo diga sem dizer, que ela vê o que o adulto vê (eis-me-aqui), percebendo-se enquanto sujeito. O estágio do espelho é uma montagem de um real, do corpo da criança e de uma imagem, a projeção do desejo da mãe, que opera no inconsciente materno, sendo uma imagem que impacta o discurso e tem o poder de transformar em linguagem o que era puro real, pura descarga do bebê. E para que a criança se constitua enquanto sujeito, é preciso que a mãe tome o bebê como objeto de seu desejo (falo imaginário) e também que este se faça objeto de desejo da mãe, sendo o circuito pulsional que dará as primeiras identificações do sujeito e sua ausência denota a ausência do laço constituinte da subjetividade Nasio (1997). De acordo com Lacan (1980):

[...] o estágio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação - e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica – e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental. (LACAN, 1998, p.100).

Em Dor (1989), é por meio do estágio do espelho que a criança re-conhece-se, recuperando assim a dispersão do corpo esfacelado em uma totalidade unificada, que é a representação do corpo próprio, a imagem do corpo que é estruturante para a identidade do sujeito, e essa conquista da identidade é sustentada pelo imaginário (a imagem do corpo se esboça como imagem exterior e invertida). É pela relação com a mãe que a criança poderá constituir o Eu, instância

imaginária, que dá consistência à imagem corporal, definindo um traçado do corpo, do reconhecimento da imagem própria a partir do outro/Outro materno.

Para o psicanalista Nasio, o Édipo é o complexo do qual nenhuma criança escapa, onde o falo é representado como objeto de desejo, ser como o pai para ter a mãe (normal) e ou ser como mãe para ter o pai (invertido), é no Édipo que se dá a castração em que vigora a lei do pai.

Complexo de Édipo é o conjunto de investimentos amorosos e hostis que a criança faz sobre seus pais e ao mesmo tempo, um processo que faz desaparecer estes investimentos substituindo-os por identificações com os mesmos e são destas identificações, que se possibilitará o desenvolvimento da aprendizagem e da transferência. Nesta relação, o aluno coloca o professor em uma posição de ideal de eu/sujeito suposto saber, ou seja, o desejo do aluno se fixa ao desejo do professor, tendo sido esse desejo constitutivo nas relações com os agentes da função paterna e materna. E o professor, libertando o sujeito das pressões sociais, poderá conduzir o educando à autonomia psíquica com a dissolução do complexo edípico. Ponderamos que na atualidade o descaso com o profissional de educação poderá dificultar a posição de sujeito suposto saber/ideal de eu, tendo em vista que a figura do professor pode não se colocar como objeto de desejo. Tanto o menino, quanto a menina tem a mãe como objeto de satisfação de sua libido, amando a mãe, incondicionalmente, e tendo o pai como rival amoroso. Somente com a descoberta da falta do pênis, que eles irão se diferenciar e assim definindo a sexualidade.

Conforme descreve Nasio (2007), em Freud para o menino no primeiro tempo todos tem pênis, no segundo tempo o pênis é verbalmente ameaçado pelo pai, em consequência da masturbação, no terceiro tempo o pênis é ameaçado, pois o menino vê o corpo nu da mulher, e no quarto tempo, o menino vê a mãe como sendo castrada, ou seja, desprovida de pênis, pensa que pode vir a ser castrado como ela. Surge o medo da perda com a angústia de castração e, no tempo final, há uma separação da mãe, e o desejo é dirigido a outras mulheres. O menino se identifica com o pai e com suas proibições morais “superego”. Conforme pontua Sanchez e Madero (2013):

En el sentido freudiano, el superyó es el heredero del complejo de Edipo; la finalización de la experiencia edípica implica la interiorización de la prohibición frente a lo incestuoso, tomando como fuente para esto la angustia de castración. Es a partir de esta vivencia inconsciente que se organiza el superyó como la instancia que, retomando la voz de los padres, señala la normatividad y genera castigos frente a su incumplimiento.

En este proceso juega un papel de vital importancia el proceso de identificación; el niño se identifica con el superyó de sus padres. Señala Freud que al retomar este contenido, asume también las representaciones de la tradición, de los juicios de valor que se sostienen de generación en generación. (SANCHEZ, MADERO, 2013, p.85-86)

Ainda de acordo com o autor, o complexo de Édipo na menina: o primeiro tempo todos têm pênis, no segundo tempo a menina compara o clitóris ao pênis e o julga inferior (pequeno), mas crê que a mãe não é castrada, no terceiro tempo, dá-se a descoberta de que a mãe não tem pênis, surgindo assim à inveja do órgão. Desta forma, a menina pensa que lhe tiraram o pênis, assim como da mãe e a responsabiliza dirigindo seu ódio a ela, que não lhe deu o pênis que tanto ela queria. O tempo final é com a separação da menina com a mãe, volta-se seu desejo ao pai, pois este pode lhe dar um pênis. Buscando assim, obter do pai o pênis, e como não consegue faz uma troca simbólica pelos bebês que o pai pode lhe dar.

Surge assim, o amor pelo pai e busca se identificar com a mãe para obter o amor deste, iniciando assim, o complexo de Édipo na menina. O complexo de Édipo, em Freud, pode ser resumidamente apresentado como: ser ou não ser o falo materno (identificações perverso-polimorfos, oscilações dialética entre ser ou não ser o falo materno); mediação do pai, privação da mãe, aceitação da Lei (o Nome-do-Pai, representa metafórico da ausência materna e significante do desejo materno, função significante do pai, dívida simbólica) e declínio do Édipo: fim da rivalidade em torno da mãe simbolização da Lei (dialética do ter, introdução do processo da metáfora paterna, recalque originário).

Na segunda tópica, mencionamos o superego que se forma do Complexo de Édipo, momento em que as leis representadas pelas figuras parentais de forma concreta, passam a estar internalizadas no psiquismo do sujeito Nasio (2007).

A travessia do Édipo, em Lacan, traz a noção constituinte do sujeito, situando o desejo e a falta como centro da condição humana. Lacan propõe essa travessia em três tempos lógicos que nos mostram diferentes relações com o campo do Outro e com a castração.

No primeiro tempo, o Pai Simbólico é a figura abstrata da Lei, onde a criança deseja o desejo da mãe, a mãe é o grande Outro da criança, a mãe deseja algo para além do bebê, sendo o objeto de desejo que falta à mãe (falo simbólico), significante da falta que induz a castração materna, onde a criança busca ser esse (falo imaginário), como falo imaginário, a criança é alienada (estádio do espelho) ao

desejo materno e, conseqüentemente, acolhida na rede significativa temos então a tríade mãe, filho e falo.

Neste momento, o pai real, fica fora do circuito da relação mãe-criança, apenas circula como significante no discurso materno, sendo que sua função de corte, na relação fusional mãe-criança, ainda não será colocada. O desejo da criança permanece assujeitado ao desejo da mãe (função materna), ela se faz objeto do que é suposto faltar à mãe, neste momento, percebemos que o que está em jogo para a criança é a própria identificação ao falo, na dialética do ser ou não ser o falo para a mãe (sou tudo para ela, sou nada para ela). Desta forma, a mãe como o Outro, apresenta a linguagem e o simbólico (pai simbólico), enquanto lei simbólica que se faz presente no inconsciente materno. Será a partir do desejo da mãe que se funda o pai enquanto Nome do Pai, operação simbólica que permite à criança o afastamento necessário do desejo materno a fim de que possa desejar por si mesma e será da instalação do Nome do Pai que se funda o inconsciente, significantes e significados estão amarrados para o sujeito.

No segundo tempo, o Pai Imaginário é odiado, invejado e respeitado, com a entrada do pai na tríade mãe-filho-falo, a entrada da lei paterna priva a mãe do “filho-falo” e a criança de ter a mãe só para si (o pai castra a mãe), filho Ser ou não ser falo, eis a questão do filho, o pai aparece no discurso da mãe (efeito de discurso do pai sobre a mãe), a criança confunde a função paterna (Lei) com seu agente pai terrível (imaginário), estabelece a rivalidade fálica instaura da diferença sexual, o pai fica no lugar de falo (antes do filho), a mãe não reintegrará ao ventre o filho, e ao filho “tu não deitarás com tua mãe”, sendo que a castração incide mais sobre a mãe. Neste momento, temos a intervenção de um terceiro que introduz a lei, interdição da relação fusional mãe/filho, possibilitando que a criança se depare com a falta, o pai neste momento passa a ocupar um lugar de significante (Nome do Pai), metáfora da ausência da mãe, ocupando desta forma o lugar do significante do desejo materno. Diante disso, a criança imagina que o falo da mãe é o pai (imaginário) e não mais sendo ele, assim, pai e falo se confundem, marcando assim, o pai como onipotente e privador.

E no terceiro tempo, o Pai Real que é agente separador, real, que dissocia masculino e feminino. O pai passa ao lugar de portador da lei simbólica (conforme o valor dado pela mãe a sua palavra), o pai, com valor fálico para a mãe, deixa de ser visto como o falo e passa a ser aquele que tem o pênis que é diferente de falo, ou

seja, função simbólica. O reconhecimento do pai na ordem fálica (condição de falta) permite ao sujeito elaborar a interrogação sobre a diferença sexual, Édipo e castração possibilitando a identificação como homem ou mulher, a castração como sendo a mola do desejo no sujeito. Neste momento, a criança não está mais centrada em ser ou não ser o falo, mas em ter ou não ter o falo. O falo constitui como simbólico circula a cadeia significante, havendo a instalação da função simbólica paterna em que o pai é investido como Ideal de eu. A função paterna coloca a criança no lugar ativo, como sujeito desejante e introduz o sujeito na castração simbólica estabelecendo um corte entre o sujeito e o Outro. Sendo assim, será a partir da falta que o sujeito far-se-á desejante, ou seja, um sujeito faltoso sempre à procura do objeto perdido.

É salutar que o professor possua domínio dos conceitos da teoria psicanalítica e, por meio destes, possa fazer as intervenções pedagógicas favorecendo a relação professor aluno, uma vez que consegue compreender o psiquismo da criança, desenvolvimento psicosexual e o Édipo (vivido ou não), podendo assim possibilitar ao aluno que deseja aprender, um ambiente melhor para seu desenvolvimento e, assim, propiciando a construção de habilidades e competências favorecendo ainda que seu desejo de ensinar transcenda a domínio de conceitos didáticos e ou psicológicos, uma vez que o professor exerce, ao mesmo tempo, a função materna e paterna. E assim conforme Allidière (2008):

Docentes y alumnos que reactualizarán en el aula y en cada experiencia pedagógico-educativa sus propias maneras de vincularse internalizadas en las primeras experiencias de sus vidas y a través de sus propios modelos de funcionamiento familiar. (ALLIDIÈRE, 2008, p. 27).

Lembramos que essa relação, como já pontuamos, é estabelecida antes mesmo da entrada da criança na escola. Quando os responsáveis pela função paterna e materna subjetivam e nominam o espaço escolar para a criança e, principalmente, possibilitam-na de criar, em seu imaginário, o desejo de se fazer objeto de desejo do professor. Colocando o professor em posição suprema (suposto saber/ideal de eu) e a escola como um espaço em que se realizam sonhos.

Pensamos que, na relação professor e aluno, este desejo se constrói, uma vez que a presença da criança na sala de aula fará o professor reviver os seus desejos e fantasias infantis, sobre o seu desejo de aprender que agora é substituído pelo desejo de ensinar.

Quando a criança chega à escola no primeiro dia de aula, ela vem com uma imagem fantasiada daquilo que os responsáveis constituíram como real e também de seu imaginário. É sabido que muitos pais, avós, tios, tias, responsáveis costumam criar ideias (fantasias) sobre a escola e o que seja o ideal ou não de professor ou professora. É preciso, diante disso, que o educador possa separar o que seja fantasia dos familiares e fantasia da criança frente ao mundo escolar que se apresenta.

Pois a escola pode ser um desejo dos responsáveis, da sociedade e não da criança, uma vez que para desejar algo, precisamos que lhe seja dado duas escolhas podendo assim a criança escolher em estar ou não na escola, por um desejo seu e não sendo um desejo externo a ela. O professor deverá centrar seu desejo, na busca de identificar o desejo da criança, e sobre o qual deverá relacionar com o mundo escolar e, assim, tornando significativo o discurso sobre a escola e o fazer docente. Neste momento, o professor ocupará o lugar de ideal de eu, já que a função de sujeito suposto saber se coloca na relação analista paciente, colocado sempre na relação ambivalente de desejo e rejeição.

A instituição escolar, a sala de aula e o professor, como já foi citado anteriormente, precisa ser espaço de desejo. O professor necessita fazer o enlace entre o desejo de aprender da criança (fantasiado pelo que os pais a subjetivaram) e o desejo de ensinar do professor para que se possibilite a transferência. Reforçamos que no processo transferencial, o educador será a figura depositária dos amores, dos ódios e dos temores do educando, que se manifestam inconscientemente na cena de sala de aula, e que amarram o presente e o passado nas reedições que se constroem, nas relações do sujeito e que se faz a partir da confiança entre esses sujeitos. Como preconiza Allidière (2008):

La tendencia de cada persona a generar vínculos transferenciales predominantemente “buenos” (amorosos) o predominantemente “malos” (hostiles), así como los “enganches” y/o rechazos mutuos que se dan entre personas diferentes (“la atracción o rechazo de los prototipos inconscientes”) dependerá fundamentalmente de sus experiencias vinculares previas. (ALLIDIÈRE, 2008, p. 19).

Podendo o processo transferencial ocorrer, com entrada na escola pela criança, e essa, conseguir se fazer objeto de desejo e também se desligar deste papel, constituindo-se enquanto sujeito autônomo. É sabido que quando a relação

entre professor e aluno dá-se pelo viés da aceitação e cumplicidade, teremos a possibilidade de criarmos espaços que sejam capazes de gerar aprendizagens para além do conhecimento. Gerando assim a efetivação do querer da criança em aprender e se desenvolver sob todos os aspectos, cognitivo, afetivo e psicomotor.

A criança no convívio com o professor consegue perceber, quando olha e é olhada, através do discurso da mesma que esta lhe deseja. Dando-se conta que o discurso dado a ela pelos seus genitores foi verdadeiro e irá se entregar ao professor permitindo, que ocorra a transferência que será a dinâmica da construção da aprendizagem da criança. Uma vez que acreditamos ser a transferência o conceito principal dentro da teoria psicanalítica capaz de mostrar na prática docente a articulação entre educação e psicanálise. Diferente do que Freud preconizou que era algo impossível, acredita-se que seja possível ao professor, tendo domínio do conceito de transferência, ser capaz de criar melhores condições para que aluno e professor consigam se enlaçar na transferência freudiana.

Assim, como no *setting* terapêutico, a relação analista e paciente, agora pode também ser instrumento para uso no espaço de sala de aula. Quando o professor partindo de seu agir, pensar, sentir e principalmente de seu fazer conseguir se transferenciar com o desejo da criança, propiciará uma empatia pedagógica ao ato de aprender e ensinar, amando e odiando. Esse enlace ou essa conexão permitirá que professor e aluno façam partes dessa dobradiça, que é a transferência, compreendendo que esse movimento seja um vai e vem das reedições afetivas ou não, dos envolvidos na cena pedagógica. O fazer do professor transcende o conhecimento, uma vez que conduz a criança de forma mágica ao mundo do encantamento com o saber. A partir do seu olhar, do seu cuidado, do seu afeto realiza o enlaçamento do sujeito ao seu desejo de ensinar, transformando esse desejo em desejo de aprender.

A transferência é vista como algo incontornável na relação analítica uma vez que o analisando expõe sua parte mais secreta sem se apegar àquele que o escuta. Quando o sujeito é auxiliado a voltar a si mesmo e aí descobre a emoção esquecida, é fatal amá-lo Nasio (1999). Reforçamos, no entanto que essa dependência afetiva, seja analítica ou sob o viés da relação aluno professor, sempre responde a questões primárias do apego e do desejo dos sujeitos. Uma vez que a transferência são afetos ternos e hostis que ligam um sujeito ao outro na relação que se investe. A imaturidade emocional faz parte da constituição do sujeito e com os cuidados da

mãe ou do sujeito que realiza essa função, vai se constituindo toda nossa bagagem afetiva que irá nos alicerçar nas relações que venhamos constituir no campo intrapessoal e interpessoal. Como diz Kupfer (2013):

[...] O professor é também um sujeito marcado por seu próprio desejo inconsciente. Aliás, é exatamente esse desejo que o impulsiona para a função de mestre. Por isso, o jogo todo é muito complicado. Só o desejo do professor justifica que ele esteja ali. Mas, estando ali, ele precisa renunciar a esse desejo. (KUPFER, 2013, p. 94).

Nossa vida é sedimentada por meio das relações que constituímos com o próximo, orientada pelas marcas primitivas, e pelas experiências vividas com os responsáveis pela função materna e paterna. Somos também marcados pelas relações que estabelecemos principalmente com professores, amigos, cônjuge e filhos, mas a transferência criada com o professor permitirá que possamos amá-lo, odiá-lo ou temê-lo. Contribuindo, assim, ao desenlace da construção significativa da aprendizagem ou ainda a criação de obstáculos ao desenvolvimento do sujeito.

Quando a criança encontra-se na fase oral, o cuidador a subjetiva, dá nome as coisas do mundo real, ou seja, significa aquilo que não tinha significado. Mantendo com o pedaço de bife um diálogo de desejo provocando neste ser de pulsão marcas pelo desejo de aprender, que se processará na linguagem dada pela figura do cuidador.

Percebemos que a função de desejar e se fazer objeto de desejo da criança será fundamental, criando no psiquismo as condições para reviver as fantasias no ambiente escolar. A figura do professor possibilitará as experiências, sublimadas e os desejos, que serão revividos no desejo de aprender. De acordo com Freud, a sublimação é um tipo particular de atividade humana (criação literária, artística, intelectual) que não tem nenhuma relação aparente com a sexualidade, mas que extrai sua força da pulsão sexual, na medida em que esta se desloca para o alvo não sexual, investindo em objetos socialmente aceitáveis. Roudinesco (1998). A escola é um ambiente sublimador, que transforma o sujeito de puro desejo em um sujeito capaz de direcionar sua criação em novas atividades, tendo o professor como agente neste processo. Citando Mrech (1999):

Na verdade, o que a transferência estabelece é algo muito maior. É da ordem da criação. O que se cria é uma peça inteira, com cenário, roteiro, personagens, etc. Esse "algo" que a transferência tece, é a própria realidade psíquica do sujeito, ou seja, a sua estrutura de funcionamento, a sua modalidade de gozo. (MRECH, 1999, p. 63).

Ainda pensando no que diz Mrech, o professor precisará conhecer o cenário da sala de aula, saber conduzir o roteiro de sua prática pedagógica e conhecer o que há de objetivo e principalmente de subjetivo nos personagens. Dirigindo a transferência com maestria possibilitando não só o gozo do aluno, mas um gozo pleno a ambos os sujeitos do processo educativo, fazendo a ancoragem teórica das necessidades que emergem do fazer pedagógico. E não esqueçamos, que o educador fazendo o enlace e o manejo adequado do que se constrói em sala de aula tornará a relação pedagógica produtiva em um jogo onde o diálogo seja vivo e que o professor se permita ser o depositário do educando nas suas revivências de afeto, desafeto, antipatia e medo, possibilitando que os questionamentos possam se desacomodar e quiçá se acomodar.

3 CONCLUSÃO

O presente artigo evoca a função primordial do processo educativo, isto é, a prática docente e suas relações com o sujeito no contexto da educação infantil, tendo como suporte teórico a compreensão dos conceitos da psicanálise e seu uso como instrumento de enlace e mudança da prática pedagógica.

O tema A transferência e o desejo de ensinar e aprender na Educação Infantil de quatro anos de idade é nosso conceito balizador para compreender a criação de vínculos afetivos e sua significação na construção do desejo de ensinar e aprender dos sujeitos e sua efetivação para a aprendizagem e a formação do sujeito. Uma vez que o enlace protagonizado a partir da transferência propiciará ao educando e ao educador uma ressignificação do desejo de aprender e ensinar.

Para tanto, analisamos a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 e a Resolução 06/2010 e sua importância para assegurar o acesso à educação infantil de quatro anos e as consequências para o sujeito e os reflexos da educação brasileira na atualidade com base na análise de dados oficiais.

Conceituamos e caracterizamos narcisismo primário e secundário na criança e as relações intra e interpessoais que se constroem no espaço escolar. E ainda identificamos e assinalamos o Complexo de Édipo na infância e suas relações com as figuras parentais, e a constituição do sujeito no processo educativo; estabelecendo e investigando as relações entre o desejo de aprender e o sujeito que ensina.

O projeto nos possibilitou analisar, a partir dos conceitos psicanalíticos, as relações interpessoais que se processam no espaço escolar e sua influência na construção da aprendizagem com base no sujeito, professor e família; definindo e compreendendo o conceito e a importância da transferência na construção do desejo de aprender. Relacionando a transferência, para além da prática docente, e possibilitando a articulação das relações intra e interpessoais dentro do espaço pedagógico sob o viés dos conceitos da psicanálise.

Buscamos, a partir da Psicanálise, compreender o conceito de transferência na construção do desejo de aprender e ensinar e relacionando a transferência para além da prática docente, possibilitando a articulação das relações interpessoais dentro do espaço pedagógico e sua articulação nos espaços em que os sujeitos estejam inseridos.

Sabe-se que o alimento afetivo é tão indispensável para a sobrevivência do ser humano quanto o oxigênio que respira ou a água e os nutrientes orgânicos que ingere. Sem o afeto ministrado pelos responsáveis pela função materna, paterna, professores e outras figuras significativas para o sujeito, o ser humano não desabrocha, permanecem fechados em uma espécie de concha psíquica, caracterizando um estado de enquistamento. Esse alimento, contudo, é igualmente indispensável para a manutenção da homeostase psíquica dos demais componentes da família e não apenas da criança, razão pela qual deverão seus membros dele prover-se reciprocamente por meio de mecanismos de interação afetiva servindo de continente para as ansiedades existenciais dos seres humanos durante seu processo evolutivo.

Assim, se os pais e professores influenciam, e em certa medida, determinam o comportamento e conduta das crianças, igualmente, modifica e condiciona a atitude dos responsáveis e professores. Assim sendo, as funções da família e da escola não são estanques ou de atribuições exclusiva de papéis aos quais costumamos imputar seu exercício, as relações transferenciais são para o além do inter jogo das relações interpessoais e constitui alicerce para a construção dos sujeitos.

Sendo a aprendizagem um fenômeno bastante complexo, determinado por fatores internos e externos, além de aspectos cognitivos, afetivos e sociais, faz-se necessário recorrer a várias ciências relacionadas com o processo de aprender, a fim de se obter uma visão multidisciplinar, na tentativa de se compreender o processo de aprendizagem, além de investigar a etiologia das dificuldades de aprendizagem e das relações intra e interpessoais.

Constata-se a necessidade de contar, na instituição escolar, com um profissional que aja como a dobradiça, capaz de articular e orientar as questões de dificuldades de aprendizagem e as relações interpessoais, pois muitas vezes encontramos educadores que se julgam incapazes de “agir” perante as necessidades apresentadas, o que dificulta a efetiva aprendizagem e piora as relações afetivas. Estamos cientes da importância da inserção dos conceitos da psicanálise na prática pedagógica o que evidenciará melhor compreensão do desenvolvimento biopsicossocial do sujeito.

Por fim, ao ocupar-se dos estudos da psicanálise e da aprendizagem humana, o professor abre uma infinidade de possibilidades de ação no âmbito de sala de aula, que vai desde a prevenção das dificuldades de aprendizagem até uma atuação mais eficaz por parte do educador e um posicionamento crítico frente ao fracasso escolar e das relações sociais.

A ação pedagógica do professor, a presença e o trabalho, são importantíssimos, uma vez que proporciona uma dinâmica prazerosa, que visa à possibilidade do desenvolvimento da autonomia e autoria do pensamento do aluno/sujeito, da construção sadia da sua personalidade enquanto ser social e da otimização da sua relação com o conhecimento e sucesso escolar. Do mesmo modo, o professor, além de trabalhar na prevenção das necessidades de aprendizagem e nas dificuldades de relações sociais, pode contribuir para o resgate do prazer de ensinar do educador e aprender do educando, nas mais diversas situações de ensino-aprendizagem; ele centra seu olhar sobre o aluno e promove as intervenções a partir das necessidades evidenciadas pelos sujeitos ensinantes e aprendentes.

Porém, o que consideramos mais importante, é a possibilidade de mudança que esta prática traduz, pois acreditamos que a educação é um processo contínuo que envolve e requer mudanças constantes: de atitudes, posicionamentos, prática e conhecimentos que permitam a transformação, tanto a nível individual como coletivo, em busca de cidadãos críticos e atuantes na sociedade atual.

Essa produção contribuirá muito na formação dos profissionais da educação infantil, uma vez que envolve todo o contexto educacional e, principalmente os fatores ligados à aprendizagem, as questões psíquicas e as relações humanas. Sem dúvida, ainda existe muitas questões a serem discutidas e analisadas no que tange a educação e psicanálise.

REFERÊNCIAS

ALLIDIÈRE, Noemí. **EL vínculo professor alumno**: uma lectura psicológica. 2.ed. Buenos Aires: Biblos, 2008.

BERNARDINO, Mariza Fischer (org). **O que a psicanálise pode ensinar a criança, sujeito em constituição. Infância e Psicanálise**. São Paulo: Escuta, 2006.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 31 mar. 2019.

BRASIL. MEC. **Resolução CNE/CEB nº 6, de 20 de outubro de 2010**. Define Diretrizes Operacionais para a matrícula no Ensino Fundamental e na Educação Infantil. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

DOR, Joel. **O inconsciente estruturado como linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

GARCIA- ROZA, Luiz. **Freud e o inconsciente**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

INEP. **Relatório do 2º Ciclo de Monitoramento das Metas do Plano Nacional de Educação - 2018**. Brasília: INEP, 2018.

KUPFER, Maria Cristina. **Educação para o futuro**: psicanálise e educação. 4.ed. São Paulo: Escuta, 2013.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

MRECH, L. M. **Psicanálise e educação**: novos operadores de leitura. São Paulo: Pioneira, 1999.

MILLOT, Catherine. **Freud Antipedagogo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

NASIO, Juan David. **Como trabalha um psicanalista?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

NASIO, Juan David. **Édipo O complexo do qual nenhuma criança escapa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

NASIO, Juan David. **Lições sobre os 7 Conceitos cruciais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

NASIO, Juan David. **O prazer de ler Freud**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SANCHEZ, Ana Rita; MADERO; Jorge Ivan. **Psicoterapia infantil**: la metáfora como técnica de devolución. Barranquilla, Colombia: Universidad del Norte, 2013.